

# Relações de trabalho no jornalismo

## O ambiente laboral em iniciativas independentes

Edgard Patrício<sup>1</sup>

### Resumo

A pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022) (n=3.100) traçou as características de trabalho desse segmento profissional. A novidade, dessa edição, foi a inclusão das “iniciativas de jornalismo independente” como um dos ambientes laborais. A partir de uma análise comparativa entre os dados da(o)s profissionais que atuam nesse ambiente de trabalho e jornalistas atuantes na “mídia como um todo”, foi possível identificar que características demarcam o ambiente laboral das iniciativas de jornalismo independente. As interpretações iniciais apontam para diferenciações em relação às formas organizacionais de gestão.

Palavras-chave: Jornalismo independente. Perfil profissional. Relações de trabalho.

### Work relations in journalism: the labor environment in independent initiatives

28

### Abstract

The Brazilian Journalist Profile survey (Lima; Mick *et al.*, 2022) (n=3,100) outlined the work characteristics of this professional segment. The novelty of this edition was the inclusion of 'independent journalism initiatives' as one of the work environments. Based on a comparative analysis between data from professionals who work in this work environment and journalists working in the 'media as a whole', it was possible to identify which characteristics demarcate the work environment of independent journalism initiatives. Initial interpretations point to differences in relation to organizational forms of management.

Keywords: Independent journalism. Professional profile. Working relationships.

---

<sup>1</sup> Jornalista. Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do grupo de pesquisa PráxisJor – Práxis no Jornalismo. Articulador da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo. E-mail: [edgard@ufc.br](mailto:edgard@ufc.br).

## Introdução

A pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022), em sua segunda rodada, iniciada em 2021, trouxe uma novidade em relação aos ambientes de trabalho aos quais poderiam se vincular a(o)s profissionais respondentes de seu *survey*, que alcançou 7.029 jornalistas. Nove anos depois da primeira rodada, o ferramental incluía as *iniciativas de jornalismo independente* como um dos ambientes possíveis de atuação da(o) profissional, ao lado dos já mencionados *empresa privada*, *instituição pública* e *instituição do terceiro setor*. Essa inclusão não é algo que passe despercebido, e nem um fato que não precise ser comentado.

A inserção do jornalismo independente enquanto ambiência de trabalho da(o) jornalista, naquela que talvez seja a mais importante radiografia da trajetória profissional do segmento no Brasil, reconhece a presença, cada vez mais notada, da atuação de coletivos que, em diferentes dimensões, não se reconhecem na produção jornalística encampada pelo jornalismo convencional ou *mainstream*, representado, principalmente, pelas empresas jornalísticas privadas. Mais que isso, sugere um sentimento de pertencimento que pode respingar na interpretação dos dados gerais da pesquisa, e numa compreensão mais ampla do que constituem e o que buscam esses coletivos e a(o)s própria(o)s profissionais. No final das contas, tem o potencial de mexer com a própria cultura profissional inerente ao exercício laboral.

Patrício e Santana (2023) realizaram uma primeira análise dos aspectos mais amplos que caracterizam a atuação da(o)s profissionais vinculados às iniciativas de jornalismo independente, a partir dos dados da pesquisa do perfil. Essas análises iniciais alcançaram a natureza da organização para qual a(o) profissional atuante trabalha, enquanto amplitude territorial; a ocorrência de ataques ou ameaças virtuais devido à sua atuação, visto seu trabalho está envolto em um jornalismo pretensamente mais investigativo e de denúncias; a satisfação com a linha editorial da organização para a qual trabalha; e o nível de democracia em seu ambiente laboral. Os dados indicaram transformações na cultura profissional do jornalismo no âmbito dessas iniciativas independentes, a partir das dinâmicas de trabalho praticadas, com processos de tomada de decisão menos verticalizados.

Neste artigo, queremos aprofundar alguns aspectos, com base nos dados apresentados pela pesquisa, que podem evidenciar a diferenciação entre esse ambiente e os outros ambientes de trabalho de atuação profissional, e que orientam a opção da(o)s

jornalistas. Ora, se a busca por estar fora de ambientes de trabalho vinculados a empresas privadas impele a(o)s profissionais jornalistas a buscarem outras paragens, que características as iniciativas de jornalismo independente, nosso interesse específico, aqui, põem em movimento para atrair e manter essa(e) profissional?

Vamos analisar os dados da pesquisa relativos às condições e relações de trabalho. E que podem estar mais diretamente vinculados às condições induzidas pelo próprio sistema capitalista, em suas nuances de perpetuação de esferas de dominação e constrangimento laborais (Fígaro; Marques, 2020), e contrapontos estabelecidos pelo ambiente das iniciativas de jornalismo independente. Para tal, começamos apresentando os dados que dizem respeito ao *reconhecimento do trabalho*, como elemento central nessa discussão. Esse conjunto de informações é fundamental para se estabelecer alguma distinção com as percepções da(o)s profissionais dos outros ambientes de trabalho. Quando pressupomos relações mais horizontalizadas e um envolvimento maior, a partir de um jornalismo de causas, a dimensão do reconhecimento profissional pode ser um fator diferencial do trabalho desenvolvido por iniciativas de jornalismo independente.

O perfil diferenciado das condições e relações de trabalho no jornalismo independente pode ser auferido também pela existência de assédio moral, assédio sexual, violência verbal e mesmo agressão física. Ao mesmo tempo, o monitoramento por superiores, constrangimento por gestores, coação e receio de sofrer retaliação são fatores que qualificam a gestão organizacional. Sobretudo, esses elementos, mesmo envoltos em suas individualidades de interpretação, também podem apontar, em última análise, para uma preocupação com a qualidade da produção jornalística. A informação jornalística de qualidade, pautada pelo interesse público, pode ser elaborada frente a um ambiente de trabalho hostil e revelador de preocupações e sobressaltos, que podem atingir diretamente os níveis de satisfação e a própria saúde mental da(o)s profissionais jornalistas?

### **A pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o)**

A pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022) tenta compreender quem são a(o)s jornalistas brasileira(o)s e como são suas condições de trabalho. Foi produzida por uma equipe de 17 pesquisadora(e)s voluntária(o)s de todo o país, articulada(o)s pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro/UFSC) e Rede de

Pesquisa sobre Trabalho e Identidade no Jornalismo (Retij), vinculada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

A pesquisa incorpora I) uma enquete em rede (*online survey*) para obtenção do maior volume possível de respostas de jornalistas em todas as unidades da federação, de participação espontânea; II) foi realizado um movimento de estímulo à participação da(o)s profissionais por meio de e-mails, redes sociais, notícias em canais especializados, página da pesquisa na internet ([perfildojornalista.ufsc.br](http://perfildojornalista.ufsc.br)); III) faz a coleta de dados online, com coletores próprios para cada rede social e na página da pesquisa; IV) realiza saneamento da base de dados; V) calcula a retenção das respostas necessárias à composição de plano amostral, a partir da distribuição provável da(o)s jornalistas no território nacional.

Como resultado do trabalho colaborativo, 7.029 jornalistas responderam ao online survey, entre 16 de agosto e 1º de outubro de 2021. A etapa de saneamento de dados eliminou respostas incompletas, incoerentes ou de má-fé, resultando em 6.650 respostas válidas, sendo 6.594 no país e 56 de jornalistas que atuam no exterior.

O primeiro desafio metodológico da pesquisa foi como estimar o número de profissionais em atuação no país, dada à ausência de conselho, ordem ou outra organização que centralize documentação e monitoramento da atuação de jornalistas. A pesquisa parte, então, do quantitativo geral de registros profissionais concedidos pelo Estado, através do antigo Ministério do Emprego e Trabalho (MTE). Um dos passos iniciais da pesquisa foi apurar os dados de registro relativos aos últimos 20 anos, para observar alguma flutuação no número anual. Optou-se por tomar como base da dimensão geral da categoria o número oficial de Registros Profissionais, 142 mil jornalistas. Também foi adotada a distribuição percentual de registros por unidade da federação como parâmetro para a elaboração do plano amostral da pesquisa.

As questões para traçar o perfil da categoria foram agrupadas em seis blocos temáticos... I) características demográficas; II) características políticas; III) características gerais do trabalho; IV) características específicas do trabalho dos jornalistas em cada um dos três segmentos principais da categoria (a(o)s trabalhadora(e)s em mídia, a(o)s trabalhadores fora da mídia e a(o)s docentes; V) indicadores de saúde laboral; e VI) indicadores de precarização do trabalho. Foi realizado um pré-teste do questionário, com 40 jornalistas e pesquisadora(e)s das diversas instituições e veículos de informação, para checar eventuais incongruências.

A definição do plano amostral levou em conta o universo de 142.424 jornalistas com registro profissional, número resultante da pesquisa exploratória feita a partir dos dados fornecidos pela Coordenação de Identificação e Registro Profissional (CIRP/CGCIPE), órgão hoje vinculado ao Ministério da Economia. O plano amostral foi ajustado considerando a distribuição provável de jornalistas em cada unidade da Federação. Para tanto, foi adotado como parâmetro o total de registros profissionais de jornalistas emitidos pelo CIRP entre 2000 e 2019, e chegou-se a um plano amostral de 3.100 ( $n_1 = 3.100$ ) respondentes, distribuídos proporcionalmente entre todos os estados da federação.

O questionário aplicado distinguia três grupos possíveis de respondentes... I) profissionais atuantes na mídia, II) profissionais fora da mídia e III) profissionais docentes. Cada um dos grupos respondia a questões comuns e também direcionadas a seu perfil. Quando questionados sobre a área de ocupação principal, 57,7% dos respondentes apontaram que trabalham na mídia, o que engloba as empresas de comunicação de grande e pequeno porte. Já 34,9% responderam que atuam fora da mídia, em assessorias ou produtoras de conteúdos para mídias digitais. Por fim, 7,4% atuam na docência em cursos de formação em jornalismo ou outras áreas. Especificamente para os profissionais atuantes na mídia, um dos questionamentos indagava qual a natureza da organização para a qual trabalhava. É a partir daí que se pode aquilatar a representatividade de cada ambiente de trabalho.

Em relação à natureza da organização para a qual trabalha, 5,3% da(o)s respondentes indicaram estarem no âmbito do terceiro setor (ONGs, Oscips, fundações etc.), 16,8% trabalhando no serviço público e os outros 75,7% distribuídos entre iniciativas privadas de oito categorias diferentes, além dos 2,2% que optaram pela resposta 'Outra'. Os 75,7% atuando na iniciativa privada estão distribuída(o)s da seguinte maneira: 34% trabalham em empresas privadas com atuação nacional; 16,8% em empresas privadas com atuação regional; 10,4% em empresas privadas com atuação internacional; 7,2% em empresas privadas com atuação local; 5,9% em iniciativas de jornalismo independente nacionais; 2,1% em iniciativas de jornalismo independente locais; 1,7% em iniciativas de jornalismo independente regionais; e 0,8% em iniciativas de jornalismo independente internacionais.

Profissionais atuantes em iniciativas de jornalismo independente totalizam 136 respondentes ( $n_2 = 136$ ), ou 10,5% — para cada dez profissionais jornalistas atuantes na

mídia no Brasil, temos um(a) que trabalha em iniciativas de jornalismo independente. O nível de evolução desses números não pode ser avaliado, uma vez que a primeira rodada da pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o), realizada em 2012, não trazia esse ambiente de trabalho como opção de resposta. Para efeito de maior aproximação das realidades analisadas, os dados relativos à(o)s respondentes vinculada(o)s às iniciativas de jornalismo independente serão sempre comparados ao grupo de respondentes vinculada(o)s ao grupo de profissionais que afirmaram à pesquisa trabalharem na mídia.

### As notícias que os dados trazem

Ao invés de tomarmos cada tabela de dados da pesquisa em separado, buscou-se uma discussão que privilegiasse o conjunto de dados, aqui trazidos, incorporando, com isso, mais elementos de contextualização às análises. Resultante desse procedimento, ocorre uma percepção dos dados em três subgrupos. No primeiro, há uma ambiguidade nas questões do *survey* que pode ter gerado dúvidas à(o)s respondentes da pesquisa. Quando se pergunta se há *reconhecimento no trabalho* desenvolvido pela(o)s profissionais, não fica evidente se esse reconhecimento se dá por agentes internos ou externos à organização para a qual a(o) jornalista trabalha. Essa distinção é fundamental para a caracterização do ambiente de trabalho vinculado às condições institucionais, e que impacta a interpretação dos dados. Destaca-se essa observação também no intuito que o ferramental de prospecção da informação utilizado pela pesquisa, no caso o questionário que orienta o *online survey*, possa ser aprimorado.

No segundo subgrupo, ocorre um direcionamento direto que relaciona as arguições do *survey* ao ambiente interno de trabalho. Mais que isso, articula as questões aos modos de gestão da organização para a qual a(o) jornalista trabalha. Nesse segundo subgrupo, podem ficar mais evidentes as distinções entre as características do ambiente laboral entre profissionais que atuam na mídia como um todo e aquela(e)s que atuam especificamente nas iniciativas de jornalismo independente.

Já no terceiro subgrupo, as questões apontam para informações que dizem respeito às relações desenvolvidas entre a(o)s profissionais, em seu ambiente de trabalho, sejam jornalistas, em suas diversas funções, sejam jornalistas especificamente imbuída(o)s das funções de gestão da organização.

As ambiguidades na requisição das informações à(o)s profissionais, aqui explicitadas, ainda são atravessadas por outra especificidade do trabalho da(o) jornalista.

Quando se fala em *ambiente de trabalho* ou *relações de trabalho* no exercício profissional da(o) jornalista, há que se levar em consideração, em que pese a disseminação progressiva do jornalismo de “cu sentado”<sup>2</sup>, que esse trabalho incorpora uma tripla ambiência — no espaço físico da organização para a qual trabalha, no trabalho virtual (*home office*) ou em *campo*, na apuração de informações, que constitui momento estratégico da produção jornalística.

Se tivéssemos que definir uma dimensão que incorporasse uma percepção abrangente da(o) jornalista em seu exercício profissional, o *reconhecimento do trabalho* poderia preencher essa lacuna, que poderia se configurar como resultante de outros aspectos relacionados à qualificação de seu trabalho. Iniciamos a discussão dos dados por essa questão porque essa dimensão nos parece fundamental na distinção da valoração das relações de trabalho nos dois conjuntos de profissionais aqui analisados — jornalistas atuantes na mídia como um todo e jornalistas atuantes especificamente em iniciativas de jornalismo independente. Como um somatório de outros aspectos, o *reconhecimento no trabalho* qualificaria as distinções das relações de trabalho entre os dois grupos. Em que pese, ainda, a dúvida... Trabalho reconhecido por quem?

Em relação a esse aspecto, há uma divisão simétrica na percepção da(o)s profissionais sobre o reconhecimento de seu trabalho no âmbito das iniciativas de jornalismo independente. Metade dá conta desse reconhecimento e a outra metade não. Do ponto de vista da(o)s jornalista(s) vinculada(o)s à mídia como um todo, 43,7% afirmam ter seu trabalho reconhecido. Com o apoio das argumentações proferidas no parágrafo anterior, podemos aquilatar como significativa a diferença na opinião dos dois grupos, de 6,3%. Favorece essa interpretação a perspectiva que relaciona o reconhecimento no trabalho com uma maior satisfação e maior empenho dessa(e) profissional no desenvolvimento de seu labor, como demonstraram Patrício e Santana (2023), ao analisarem variáveis de satisfação no trabalho de profissionais vinculada(o)s a iniciativas de jornalismo independente.

### A presença das ambiguidades

Um conjunto de questões, apresentadas à(o)s respondentes da pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022), inquire sobre determinadas situações que repercutem em seu trabalho e que incorporam dimensões que atingem

<sup>2</sup> Expressão corrente em Portugal para designar a apuração jornalística realizada de dentro da redação.



pessoalmente a(o)s profissionais, num primeiro momento. Algumas dessas dimensões, abordadas nessas questões, em última análise, apontam para possíveis incursões passíveis de, inclusive, enquadramento no Código Penal Brasileiro. Fazemos referência à assédio moral, assédio sexual, violência verbal e agressão física acontecidos no ambiente de trabalho.

Retomando a discussão das ambiguidades, talvez duas dessas quatro dimensões mantenham indefinidas as origens das agressões, se no ambiente de trabalho organizacional ou no ambiente de trabalho externo à organização, em procedimentos de apuração jornalística, por exemplo. A relação mais intrínseca vinculada ao ambiente organizacional de trabalho poderia se referir às dimensões *assédio moral* e *violência verbal*, passando pela compreensão de serem mais afeitas às relações desenvolvidas entre subordinada(o)s e chefias — a(o) chefe que *grita* com sua(seu) *empregada(o)* ou que *aperreia*, principalmente as *empregadas* (Amorim; Bueno, 2019). Portanto, oriundas do *staff* de gestão da organização jornalística. No entanto, se passou pela cabeça da(o) respondente à pesquisa que a violência verbal pode estar relacionada a impropérios desferidos pelas fontes, vai-se ao ambiente de trabalho externo à organização — interpretação plausível quando relacionamos as iniciativas independente a um jornalismo mais investigativo e de mais denúncias (Patrício; Lima, 2020).

Talvez a soma dessas ambiguidades, contidas na questão, e o tanto de elementos contextuais que se infiltrou na cabeça da(o)s respondentes, tenha ocasionado um aparente equilíbrio entre os dois grupos aqui recortados. Em relação à violência verbal, 34,3% da(o)s profissionais jornalistas vinculada(o)s à mídia como um todo já passaram por essa situação. Do lado daquela(e)s vinculada(o)s a iniciativas de jornalismo independente, foram 30,2%. De qualquer maneira, soa um alerta às gestões das iniciativas de jornalismo independente em torno das pretensas relações mais horizontalizadas em suas relações de trabalho, lembrete já referido por Patrício e Santana (2023), com base em outras dimensões auferidas pela mesma pesquisa.

Os dados entre os dois grupos seguem pares em relação à ocorrência de assédios sexuais no ambiente de trabalho, com 10,9% de *sim* para profissionais vinculada(o)s à mídia como um todo e 10,3% para a(o)s das iniciativas de jornalismo independente. Talvez a dificuldade na denúncia, sob o receio em perder o emprego, condicionante histórica para o acobertamento desse tipo de crime, unifique as percepções dos dois grupos.



As distinções entre os dois grupos começam a aparecer quando são relatados os assédios morais, que marcaram 40,8% entre aquela(s) que responderam afirmativamente e que pertenciam ao grupo de profissionais da mídia como um todo (Tabela 1). Dentre a(o)s jornalista(s) vinculada(o)s a iniciativas de jornalismo independente (Tabela 2), foram 31,9%. Tomando-se como realidade histórica que assédios morais, em ambientes de trabalho, se revestem de uma qualificação de gênero (mais homens assediam mulheres) (Amorim; Bueno, 2019); e que nos ambientes de trabalho específicos do jornalismo os cargos de chefia são exercidos predominantemente por homens (Lelo, 2019); menos assédios morais em iniciativas de jornalismo independente podem sinalizar uma maior equidade de gênero nas relações de trabalho, numa primeira compreensão; numa segunda percepção, podem sinalizar a expansão de coletivos de jornalistas femininos e feministas (Gustafson, 2019).

**Tabela 1:** Assédio moral – Mídia como um todo

		Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual cumulativo
Respostas válidas	Sim	474	35,5	40,8	40,8
	Não	689	51,6	59,2	100,0
	Total	1163	87,1	100,0	
Respostas não válidas		172	12,9		
Total		1335	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

**Tabela 2:** Assédio moral – Iniciativas de jornalismo independente

		Nível de atuação da iniciativa em que trabalha com jornalismo independente				
		Internacionais	Nacionais	Regionais	Locais	Total
Sim		3	22	5	7	37
		33,3%	33,3%	26,3%	31,8%	31,9%
Não		6	44	14	15	79
		66,7%	66,7%	73,7%	68,2%	68,1%
Total		9	66	19	22	116
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2024

É na dimensão de agressão física em que os números relativos aos dois grupos se distanciam significativamente. Da(o)s jornalista(s) respondentes vinculada(o)s à mídia como um todo, 3,2% dizem *sim* frente ao questionamento se já haviam enfrentado algum episódio de agressão física; e 5,2%, daquela(s) vinculada(o)s a iniciativas de jornalismo independente apontaram o mesmo, uma diferença relativa de quase 40%. Embora os

números percentuais sejam baixos, a repercussão desses dados não pode ser menosprezada. Em se tratando de jornalistas de iniciativas de jornalismo independente, a produção jornalística orientada ao interesse público, à defesa de grupos minorizados socialmente e ao enfrentamento de interesses de grupos econômicos podem estar na base de agressões físicas. Nessas ocasiões, incorporam, muitas vezes, a pauta dos direitos humanos, e sofrem a violência de orientação conservadora. Atentar para o fato de que são as iniciativas de jornalismo independente de atuação regional e local que congregam a maior parte dos casos de agressões físicas sofridas por suas(seus) jornalistas, o que enfatiza a proximidade como critério de noticiabilidade de sua produção jornalística e a maior propensão do uso da violência física para barrar os propósitos de sua linha editorial.

### As diferenças ficam mais nítidas

São nas dimensões das relações de trabalho, inqueridas pela pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022), em que se estabelecem vinculações nítidas entre empregada(o)s e patroas(patrões), que as diferenciações entre os dois grupos, aqui analisados, se tornam explícitas. Tire-se pela dimensão *monitoramento por superiora(e)s*, talvez a mais objetiva delas. Dentre a(o)s profissionais atuantes na mídia como um todo, diante da questão *Você já sofreu vigilância/monitoramento digital por superiores hierárquicos?*, 27% responderam afirmativamente. No grupo de profissionais atuantes em iniciativas de jornalismo independente esse número cai para 15,5%, uma redução de quase metade do percentual de respondentes. É possível que a percepção mais reduzida de monitoramento pelos superiores, em relação à(o)s profissionais atuantes em iniciativas de jornalismo independente, esteja ancorada numa utilização menos intensiva de métricas como parâmetro de acompanhamento da produção jornalística, encampado de forma entusiasta pelo jornalismo *mainstream*.

A mesma pegada acompanha os números relativos à dimensão da pesquisa *constrangimento pela gestão*. Quando indagada(o) pela pergunta *Você já foi constrangida(o) no trabalho por gestores ou superiores?*, alarmantes 43,1% da(o)s respondentes vinculada(o)s à mídia como um todo responderam *sim*, enquanto 27,6%, e também um número alto, da(o)s jornalistas vinculada(o)s a iniciativas independentes acompanharam suas/seus colegas de exercício profissional na opção. Os dados são preocupantes. O número relativamente menor de constrangimentos organizacionais que afeta a(o)s

jornalistas que laboram em iniciativas independentes referenciam relações de trabalho mais compreensivas, tolerantes e democráticas. Assusta pensar que constrangimentos organizacionais, nas relações de trabalho vinculadas ao exercício do jornalismo, possam descambar para uma das piores situações enfrentadas por essa(e)s profissionais, concretizada em forma de dilemas de autocensura!

As distinções entre os dois grupos prosseguem. Dessa feita, a partir das respostas à indagação da pesquisa *Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe?*. Entre *concordo plenamente* e *concordo parcialmente* estão 57,9% da(o)s jornalistas vinculada(o)s à mídia como um todo, enquanto esse percentual chega a apenas 16,8% daquela(e)s atuantes em iniciativas de jornalismo independente. Denota-se uma gestão mais participativa na tomada de decisão no ambiente de trabalho das iniciativas de jornalismo independente, em um patamar bem mais elevado que na mídia como um todo, o que pode incorporar às pautas, dimensão por excelência de tomada de decisão da produção jornalística, uma orientação de diversificação.

38

### **Entre a dor e a delícia de ser o que é**

As relações de trabalho podem estabelecer diferenciais a partir da dimensão de gestão da organização. E isso tem a ver com a primeira observação que fizemos, quando indicamos como indexador geral da percepção dessas relações o item *reconhecimento do trabalho*. Especificamente em termos de gestão, o fluxo nos processos de tomada de decisão pode indiciar a natureza dos modelos gerenciais. Quando provocada(o)s a se posicionar sobre *Os funcionários são excluídos das decisões ligadas diretamente à equipe*, uma das questões da pesquisa, os resultados são díspares. As alternativas *concordo totalmente* e *concordo parcialmente* somaram 38,1% no grupo da(o)s jornalistas que atuam na mídia como um todo. Quando recortada(o)s apenas aquela(e)s atuantes em iniciativas de jornalismo independente o percentual recua para 16,8%. Os dados reforçam a ideia da natureza mais horizontalizada da tomada de decisão nas iniciativas de jornalismo independente. Embora salutar, o resultado também pode apontar a dimensão de multifunção praticada pela(o)s profissionais das iniciativas independentes, frente à escassez de pessoal, o que, em última análise, pode insinuar também processos de precarização.

Noutra perspectiva, a participação na tomada de decisão gerencial, em relação ao trabalho desenvolvido pelas equipes, pode repercutir no ambiente organizacional mais

amplo. Quando solicitada(o)s a opinar sobre a salubridade de seu trabalho (*Trabalho em um ambiente saudável*), o percentual de jornalistas atuantes em iniciativas de independentes que concordam *totalmente* ou *parcialmente* chega a 65,2%. Mas, se observarmos a mesma situação com relação à opinião da(o)s jornalistas atuantes na mídia como um todo, o percentual chega a 56,2%. Mesmo sendo uma diferença representativa, talvez a(o)s gestora(e)s das iniciativas de jornalismo independente esperassem resultados *melhores*, uma vez que a responsabilidade da salubridade do ambiente de trabalho pode estar relacionado à participação das equipes nas tomadas de decisão. Mais uma vez as condições de precarização, vinculadas a recursos financeiros escassos (Patrício, 2023a) podem breçar uma sensação de maior satisfação relacionada ao ambiente laboral. O fato é que dez entre dez rodas de conversas das quais participem representantes de iniciativas de jornalismo independente, o fator *financiamento das ações* vai estar presente (Patrício, 2023b).

Após esses resultados, fica a dúvida de como essas dimensões repercutem nas relações interpessoais de trabalho. Ao serem indagados sobre como qualificariam essas relações, a(o)s jornalistas atuantes na mídia como um todo disseram estar muito satisfeita(o)s ou satisfeita(o)s em 64,2% dos casos. Para a(o)s jornalistas perfilada(o)s junto às iniciativas de jornalismo independente, esse percentual alcança 54,3%. Como esses resultados poderiam ser explicados? Vamos atentar às outras opções da questão da pesquisa, na possibilidade delas apontarem perspectivas de análise. A opção de não estar satisfeita(o) nem satisfeita(o) praticamente iguala os grupos. São 20,6% no caso da(o)s jornalistas atuantes na mídia como um todo e 19,8% nas iniciativas de jornalismo independente. O mesmo acontece na opção insatisfeita(o) ou muito insatisfeita(o) (12,4% a 13,7%). A diferença entre os dois grupos vai emergir, novamente, na opção *não se aplica*. Apenas 2,8% da(o)s profissionais atuantes na mídia como um todo selecionaram essa opção como resposta. Mas no caso de jornalistas atuantes nas iniciativas independentes, o percentual chega a 12,1%. No caso desse segmento, as equipes participam da tomada de decisão, a salubridade do ambiente laboral merece cuidados e uma parcela considerável não se atenta para as relações interpessoais no trabalho? Esse pretenso *descuido* com as relações interpessoais no ambiente laboral (*não se aplica*) poderia ser percebido como uma “pulverização” das equipes, com a intensificação do trabalho em ambiente virtual, como saída à escassez de recursos, para bancar condições infraestruturais de produção? Mais uma vez os resultados da(o)s trabalhadora(e)s

vinculada(o)s às iniciativas de jornalismo independente resvalam para elementos de precarização laboral.

### Considerações para o adiante

Não foi objetivo desse texto a discussão do conceito ou do que se entende por iniciativas de jornalismo independente, nem do próprio jornalismo independente, embora essa discussão seja necessária, e já iniciada (Patrício, 2023; Patrício; Santana, 2023; Gosh, 2021; Costa; Silva; Araújo; Lima, 2020; Patrício; Silva, 2019; Fígaro, 2018). Essas pesquisas apontam para uma dispersão conceitual do termo *jornalismo independente*, conferida por sua percepção polissêmica; uma vontade de produzir outros modelos de jornalismo, para além do assentado em princípios de neutralidade e imparcialidade; sua vinculação com segmentos progressistas da sociedade; e uma produção jornalística com características territorializadas. Essa discussão será aprofundada em uma fase posterior da pesquisa, de cunho mais qualitativo, em que teremos acesso aos contatos pessoais de cada um(a) da(o)s profissionais jornalistas que assumiram trabalhar nesse ambiente. Pensamos este artigo partindo-se da compreensão da(o)s profissionais que atuam nessas iniciativas. Por hora, nos satisfaz a informação de que o termo *jornalismo independente* foi aceito por 10,5% da(o)s respondentes da pesquisa Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o) (Lima; Mick *et al.*, 2022) que atuam na mídia. Isso é relevante, e pressupõe estudos mais detalhados sobre essa autopercepção.

Ao tomarmos a precarização como indiciador de piora das condições de trabalho (Nicoletti; Fígaro, 2023; Nicoletti, 2020; Dantas, 2019; Lelo, 2019), e, com isso, com potencial de também respingar no agravamento das relações de trabalho, uma percepção mais ampla dos dados, aqui apresentados, em futuras análises, pode dar conta de que alguns resultados parelhos entre os dois grupos (jornalistas atuantes na mídia como um todo e jornalistas atuantes nas iniciativas de jornalismo independente) já indiquem que o nível de precarização do trabalho já chegou também às iniciativas de jornalismo independente, em contextos e determinadas situações que antes mantinham distâncias mais significativas.

Patrício (2021) já apontava, em pleno ambiente pandêmico, que algumas características incorporadas ao jornalismo *mainstream*, durante a Covid-19 já eram perceptíveis, em momento anterior, no ambiente laboral das iniciativas de jornalismo independente. Uma dessas características fala do trabalho em *home-office*, que levou a

processos de precarização. No estudo, realizado com 71 participantes de iniciativas de jornalismo independente, o *home-office* não seria uma novidade. Desses 71 participantes, 17 (23,9%) não trabalhavam em *home-office* antes da pandemia. Atuando desde sempre com a escassez de recursos financeiros e infraestruturais, essa(s) participantes já desenvolviam seu trabalho em suas próprias casas, que muitas vezes são as sedes das iniciativas. “(...) o receio de perda do trabalho ou de redução salarial convive, ao mesmo tempo, e num espectro mais amplo, à continuidade ou não do funcionamento da própria iniciativa, e não só de seus postos de trabalho” (Patrício, 2021, p. 11-12).

Estudos nesse mesmo sentido já estão sendo elaborados, com base ainda na pesquisa do Perfil da(o) Jornalista Brasileira(o), e já apontam outra discussão. Como os distanciamentos e proximidades do ambiente laboral de profissionais jornalistas atuantes na mídia como um todo e especificamente em iniciativas de jornalismo independente repercutem na cultura profissional?

Em uma próxima rodada da pesquisa do perfil profissional da(o) jornalista no Brasil, uma atenção maior às iniciativas de jornalismo independente de atuação nacional pode dar conta de resultados mais díspares nesse âmbito, em relação às iniciativas de atuação regional e local. Isso poderia sinalizar a incorporação mais efetiva de procedimentos de produção e gestão tipicamente utilizados pelo jornalismo convencional. Alguns números já sugerem isso, na atual rodada da pesquisa.

Quando estamos falando de perspectivas para novas análises, não poderíamos deixar de trazer os resultados de uma questão, inserida na pesquisa do perfil, e que incorpora sonhos e movimentos futuros. Foi indagado à(o)s respondentes jornalistas: *Qual é o seu projeto em relação à sua atuação profissional em um futuro próximo (um a dois anos)?*. No grupo de profissionais da mídia como um todo, 28,2% indicaram querer *Seguir na mesma organização em que estou e nas funções que exerço*; e 7,9% optaram por querer *Deixar a carreira atual e atuar em funções não-jornalísticas*. No grupo da(o)s jornalistas atuantes em iniciativas de jornalismo independente, os resultados foram 43,1% e 4,3%, respectivamente. A dimensão qualitativa dessa pesquisa vai possibilitar entender o porquê da disparidade nessas preferências entre os dois grupos!



## Referências

AMORIM, J. L.; BUENO, T. Mulheres jornalistas em pauta: Estado da arte sobre assédio moral e sexual no Brasil. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 153-170, jul./dez. 2019.

COSTA, R. R.; SILVA, N. R.; ARAÚJO, M. C. B.; LIMA, R. C. B. **Arranjos alternativos de trabalho em jornalismo no Ceará**: relações de comunicação e condições de trabalho. Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ZSRPtp>. Acesso em: 29 out. 2023.

DANTAS, J. B. A. **O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista**. 2019. 307 f. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/35573>. Acesso em: 22 dez. 2024.

FÍGARO, R. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

FÍGARO, R.; MARQUES, A. F. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em: 29 out. 2023.

FÍGARO, R.; ROXO, M.; VISIBELI, J. Estratégias de demarcação do ethos jornalístico na figura de novos arranjos do trabalho dos jornalistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4gjA51f>. Acesso em: 29 out. 2023.

GOSCH, R. M. **O conceito de jornalismo independente no contexto dos nativos digitais brasileiros**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GUSTAFSON, J. **Jornalistas e feministas**: a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2019.

LELO, T. V. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54225, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254225/40751>. Acesso em: 29 out. 2023.

LELO, T. A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias: uma identidade profissional em risco? **Tempo Social**, v. 31, n. 2, p. 105-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.146626>. Acesso em: 29 out. 2023.

LIMA, S.; MICK, J.; et al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quórum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br>. Acesso em: 29 out. 2023.

NICOLETTI, J. **Precarização e qualidade no jornalismo**: condições de trabalho e seus impactos na notícia. Florianópolis: Insular, 2020.

NICOLETTI, J.; FÍGARO, R. Trabalho precário como fonte de adoecimento mental e sofrimento ético. In: BARROS, J. V.; NICOLETTI, J.; LIMA, S. (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil**:



Desigualdades, Identidades e Precariedades. Florianópolis: Editora Insular, 2023. p. 155-193. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/o-trabalho-de-jornalistas-no-brasil-desigualdades-identidades-e-precariedades-2>. Acesso em: 22 dez. 2024

PATRÍCIO, E. Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, p. 89-100, 2023a. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/981>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PATRÍCIO, E. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 19, p. 189-201, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/84920>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PATRÍCIO, E. Jornalismo e pandemia: impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente do Ceará. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17060>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PATRÍCIO, E.; LIMA, R. C. B. Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, v. 13, p. 217-231, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153326>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PATRÍCIO, E.; SANTANA, L. M. Cultura profissional: outras perspectivas a partir da atuação de jornalistas em iniciativas de jornalismo independente. In: BARROS, J. V.; NICOLETTI, J.; LIMA, S. (org.). **O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades**. Florianópolis: Editora Insular, 2023. Disponível em: <https://insular.com.br/produto/o-trabalho-de-jornalistas-no-brasil-desigualdades-identidades-e-precariedades-2>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PATRÍCIO, E.; SILVA, N. Territorialidade e ethos em iniciativas de jornalismo independente do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 15, p. 183-195, 2019. Disponível em: <https://www.rbqdr.net/revista/index.php/rbqdr/article/view/4851>. Acesso em: 23 dez. 2024.

**Submissão:** 26 de set. 2024

**Aceite:** 23 de dez. 2024.